

## APRESENTAÇÃO

Nesse ano marcado pela crise sanitária da pandemia do coronavírus e pelo ataque às universidades públicas brasileiras, a revista *Ponta de Lança* traz, em seu novo número, trabalhos que recuperam a tradição intelectual das ciências sociais no Brasil, ao lado da instigante produção universitária dos cursos de pós-graduação na área de Humanidades, reveladora da pluralidade teórica e metodológica na abordagem em temas culturais.

Essa pluralidade também está presente no dossiê temático, organizado pelos professores Pedro Vilarinho Castelo Branco e Edna Maria Matos Antônio, que motivado pelas efemérides do bicentenário da Revolução Liberal do Porto, evidenciou o processo das disputas políticas que resultaram na independência da América portuguesa e de Sergipe.

O primeiro artigo do fluxo contínuo, escrito pela professora Luitgarde Barros, recupera a tese de livre docência, escrita pela antropóloga Marina São Paulo de Vasconcellos, defendida em 25 de abril de 1949, na Faculdade Nacional de Filosofia- FNFfi/Universidade do Brasil. O pioneirismo desse trabalho acadêmico, perdido nas estantes da biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coloca a autora, ao lado do grande historiador sergipano José Calasans, no trabalho de recuperação do povo do Conselheiro, a partir do olhar antropológico das práticas culturais dos sertões do Brasil.

Os dois artigos subsequentes tematizam a memória do sertão do São Francisco, a partir do cangaço e da construção da Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga. O texto de Isabela Mouradian Amatucci sobre os vestígios de Lampião na região de Paulo Afonso (BA), concentrando-se na memória produzida pelo grupo cultural *Os Cangaceiros de Paulo Afonso*, composto por homens e mulheres que se trajam de cangaceiros e volantes durante o carnaval. Mesmo mantendo elos com o fenômeno histórico, o grupo adquiriu contornos próprios em torno da memória do cangaço ao revivê-lo a partir de suas memórias grupais. Já o outro artigo, escrito por Marcos Manuel do Nascimento Silva e Pedro Abelardo Santana, analisa os discursos acerca dos reassentamentos originários da construção da Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga, localizada em Petrolândia, PE, região do submédio São Francisco, confrontando-se as versões dos trabalhadores rurais e a da Companhia Hidrelétrica do São Francisco.



A noção de intermediários culturais para se compreender os arranjos da cultura periférica no Brasil foi o assunto abordado no texto de Ana Carolina Louback Lopes, inspirando-se nas teses de Pierre Bourdieu para discutir sobre as complexas relações entre o mercado e a efervescente produção cultural oriunda das periferias.

A (des)materialização do conceito de *carnavalização*, proposto por Bakhtin, na análise das entrevistas de um terreiro de umbanda em Pau dos Ferros (RN) foi o tema da narrativa de Leonardo Mendes Álvares e Gilton Sampaio de Souza. Segundo os autores, a construção de uma alegoria discursiva reconfiguraria a hierarquia social tradicionalmente pertinente à natureza daquele grupo religioso em torno dos signos “pai”, “mãe” e “irmã(o)s de santo”.

Por fim, temos a produção intelectual de dois historiadores oriundos do Programa de Pós-Graduação em História da nossa universidade, que, orientados pelo professor Bruno Álvaro, galgaram produzir artigos inovadores na área de História Medieval. Rafael Costa Prata se debruçou sobre as principais abordagens efetuadas sobre o *caráter corporativo*, especialmente em torno do impacto dos imaginários sócio-políticos, militares, religiosos no seio do corpo político do reino de Castela-Leão, durante o reinado de Alfonso X (1252-1284). Sobre este mesmo reinado, Cassiano Celestino de Jesus analisa os discursos jurídicos sobre a sodomia, a partir da perspectiva de gênero e da análise do discurso.

Na seção de Resenhas recebemos uma contribuição do Dr. Itamar Freitas que se debruçou sobre a obra dos autores Thiago Lima Nicodemo, Pedro Afonso Cristovão dos Santos e Mateus Henrique de Faria Pereira, “Uma introdução à história da historiografia brasileira (1870-1970)”.

Mesmo sob ataque, a produção científica, oriunda das universidades públicas no Brasil e alhures, demonstra o diálogo entre a tradição e a inovação na abordagem de temas clássicos da história do Brasil e da Europa, reforçando a importância da defesa desse patrimônio cultural tão ameaçado por políticas negacionistas e de desfinanciamento da universidade pública.

**Saudações Universitárias!**

***Os Editores***